

ABA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE ANTROPOLOGIA

POLÍTICA E COTIDIANO:
estudos antropológicos sobre gênero,
família e sexualidade

Organizadoras
Miriam Pillar Grossi
Elisete Schwade

**NOVA
LETRA**
GRÁFICA & EDITORA

Florianópolis, SC - 2006

MALINOWSKI, Bronislaw. *The sexual life of savages in north-western Melanesia*. London: Routledge & Kegan Paul Ltd., 1929.

MAUSS, Marcel. "As técnicas corporais". In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Editora da USP, 1974 [1935].

POLHEMUS, Ted. *Social Aspects of the Human Body*. Harmondsworth: Penguin Books, 1978.

SCHEPER-HUGHES, Nancy & LOCK, Margaret. "The Mindful Body". In: *Medical Anthropology Quarterly*, 1, 1987 (pp. 6-41).

STRATHERN, Marilyn. *The gender of the gift*. Berkeley: University of California Press, 1988.

TURNER, Bryan S. *The Body and Society: Exploration in Social Theory*. Oxford: Basil Blackwell, 1984.

O GÊNERO NA CARNE: *SEXUALIDADE, CORPORALIDADE E PESSOA – UMA ETNOGRAFIA ENTRE TRAVESTIS PAULISTAS*

Larissa Pelúcio¹

Resumo

Desde a comercialização dos hormônios femininos, na forma de contraceptivos, que a construção da Pessoa travesti ganhou um novo impulso. Na busca por um "corpo perfeito", isto é, associado a padrões socialmente sancionados como femininos, compôs-se todo um circuito estético e de cuidados de si que burla a medicina ocidental, por um lado, mas que, em alguns momentos, a ela se associa. Do modelo "traveção" ao "ninfetinha", as travestis se submetem a inúmeros processos de intervenção corporal que se iniciam com a ingestão de hormônios, passando pela aplicação de silicone industrial em seus corpos e pode seguir até a operações de redução da testa, extirpação do pomo-de-adão e a renovadas sessões com "bombadeiras", pessoas que "fazem o corpo", isto é, injetam silicone nas travestis. Orientadas pela heteronormatividade compulsória, as travestis transformam seus corpos a fim de adequá-los a seus desejos, práticas e orientação sexual, reconhecidos por elas como "homossexuais". Nessa construção, subvertem o gênero e, paradoxalmente, também enfatizam o caráter de assujeitamento por trás do culto contemporâneo a padrões de normalidade, de saúde e de beleza.

Palavras-chave: Travestis, corporalidade, sexualidade, gênero e heteronormatividade.

¹ Doutoranda do Programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos.

Porque o meu objetivo sempre foi ser aparentemente mulher, fisicamente mulher, ter peitão, ter bundão, ter pernao. Então, tudo isso elas viam e "ah, não eu vou fazer isso". "Não, não faz isso que isso faz mal". "Não, eu vou, não quero saber se faz mal, meu objetivo é esse, pronto e acabou". Então, se você tem um objetivo, você chega lá. E as pessoas, quando vêem você seguindo em frente nesse objetivo, também vão atrás. Então, veio uma leva de travesti atrás. Tanto que hoje eu tenho, assim, um conceito na região junto às demais, mas por esse motivo. Então foi onde... foi fatores que eu fui vendo, analisando. Então, não sei, minhas amigas também foram me vendo, a minha clientela, os elogios na rua foram aumentando, então elas: "ah, não, também vou ser travesti, vou me assumir". Só que assim: nem todas; muitos caem na travestilidade sem saber se aquela é a realidade que ela querem, sem conhecer, sem noção se é aquilo que ela quer pro resto da vida (Bianca di Capri, em entrevista concedida à pesquisadora, em 06/01/2006, em sua residência em São Paulo).

Bianca nasceu homem, mas, como relata, queria parecer mulher. Portanto, construir para si um corpo que a remetesse ao feminino tornou-se seu objetivo. E, por mais que lhe dissessem que usar silicone líquido para arredondar suas formas ou ingerir hormônios femininos sem prescrição médica era perigoso, fazia mal, para ela eram recomendações vãs. Acima dessas advertências e do possível risco a elas relacionado, estava seu desejo de se ver e de ser vista como uma mulher. Ser travesti não é uma aventura, algo efêmero, uma fantasia que se tira ao chegar a casa, mas uma transformação longa e profunda: a construção da Pessoa².

A par das muitas discussões acerca da noção de Pessoa, ela é uma boa ferramenta para se pensar a relação indivíduo-sociedade, cultura-natureza, estrutura-agência, livrando-se de armadilhas conceituais que conferem demasiado peso a um dos termos dessas díades. Ao ser pensada como uma categoria antropológica e, portanto, teórica, a noção de Pessoa possibilita

² Conceito usado aqui no sentido maussiano/dumontiano do termo, o que significa considerar que a pessoa se constitui a partir de um sistema moral e de valores próprios de cada sociedade e/ou grupo a que pertence. Desta forma, as culturas investem diretamente sobre os corpos, como bem ilustrado no estudo de Viveiros de Castro (1979), articulando os planos físico, psíquico e social, que, assim imbricados, permitem que se considerem os planos simbólico e empírico como esferas articuladas, capazes de orientar todo um conjunto de práticas estruturadoras de experiência humana.

perceber o processo de conformação de valores sociais em cada um dos membros do grupo, a partir de um conjunto de práticas, ritos, sanções e instituições capazes de conformar esse sujeito (ALLEN 1985).

No seu texto "*A Construção Ritual da Pessoa: a possessão no Candomblé*", Márcio Goldman (1995) tece críticas às análises que passam ao largo da noção de Pessoa conforme concebida pelos adeptos daquela religião. Referindo-se aos mecanismos teóricos capazes de explicar de maneira mais satisfatória o transe no Candomblé, o autor afirma

[...] ser preciso encarar a possessão e a noção de pessoa como um sistema mais dinâmico que não só classifica como também visa produzir tipos específicos de pessoas, não certamente no sentido de gerar "personalidades" ou "tipos psicológicos", mas no de uma atualização concreta de certas concepções simbólicas do ser humano e de seu lugar no universo (GOLDMAN, 1995: 35).

É desta forma que considerarei, aqui, o processo de transformação que envolve a construção da Pessoa travesti como "uma atualização concreta de certas concepções simbólicas do ser humano e de seu lugar no universo". Há, nessa trajetória, patamares hierárquicos que devem ser alcançados, galgando-se, assim, um outro status dentro da rede social em que a Pessoa está inserida. A estagnação das travestis em um dos patamares intermediários dessa atualização implica desprestígio, manifesto em locuções desqualificadoras como "*viado de peito*", "*bichinha sem-vergonha*", "*homem de saia*", entre outros, nos quais uma incongruência de gênero se manifesta, implicando falhas morais. Um "*viado de peito*" não é uma travesti, porque não teria de fato "*cabeça de mulher*", comportando-se como um homem afeminado, assim como uma "*bichinha sem-vergonha*" ou um "*homem de saia*" faz uso de roupas femininas para atrair clientes e ganhar dinheiro sem ter a "coragem" de investir de fato na sua transformação. Para as travestis, a transformação propriamente dita começa com práticas corporais feminilizantes: depilar-se, deixar os cabelos crescerem, vestirem-se com roupas de mulher, investimento num gestual tido como delicado. Paralelo a essas intervenções epidérmicas,

muitas travestis passam também a ingerir hormônios femininos, elemento bastante valorizado nesse processo.

O primeiro passo rumo à construção da Pessoa travesti vem, na maioria das vezes, com a saída de casa. Esta se dá quase sempre na adolescência, antes que se completem dezoito anos³. É na rua que elas encontram as primeiras referências daquilo que se quer ser. A rua torna-se, assim, espaço de incertezas, mas também de iniciação, de uma liberdade idealizada que permite que o aspirante à transformação descubra, no corpo de uma outra travesti, caminhos para atingir suas metas.

Mas o que é ser travesti? As travestis são pessoas que se entendem como homens que gostam de se relacionar sexual e afetivamente com outros homens. Para tanto, procuram inserir em seus corpos símbolos do que é socialmente tido como próprio do feminino. Porém, não desejam extirpar sua genitália, com a qual, geralmente, convivem sem grandes conflitos. "Travesti tem que ter alguma coisa de mulher, senão não é travesti. Tem que pôr silicone, seio..." – ensina Mônica, travesti experiente⁴. Ou, como explica Moema a Hélio Silva, "travesti não é quem se veste de mulher, é quem toma hormônio e silicone" (SILVA, 1989: 117). As travestis, além dessas intervenções no corpo e da apreensão de uma série de técnicas corporais que as distancia dos padrões masculinos, buscam comportar-se segundo prescrições de comportamentos socialmente sancionados como femininos. Portanto, não se pode tornar travesti sem que se entre em uma rede de relações já estabelecida. É ali que elas aprendem a se maquiar e a se depilar com eficiência; a andar e a gesticular como mulher; a mudar a voz e o nome; a tomar hormônios; onde e com quem colocar silicone. Só assim se pode iniciar a construção da Pessoa travesti.

Quando Bianca di Capri afirma que o seu "objetivo sempre foi ser aparentemente mulher, fisicamente mulher, ter peitão, ter bundão, ter pernao", soma-se a muitas outras travestis que, mesmo sabendo que *bombar* – isto é, injetar silicone industrial no corpo – é perigoso, não abrem mão dessa técnica de transformação.

³ Existem casos, também comuns, em que, ainda na infância, a travesti foge ou é expulsa de casa.
⁴ Em entrevista concedida à pesquisadora, em 21/01/2006, na Casa de Apoio Brende Lee.

Essa realidade se verifica entre as redes de travestis que fazem parte dessa pesquisa (travestis da capital e do interior de São Paulo). O desejo de "*ter um corpo*" sobrepõe-se aos "riscos" implicados nessa construção, como observou também César Sabino (2004) em sua pesquisa entre fisiculturistas cariocas. Ele adverte que, antes que julguemos esses procedimentos em busca de um corpo específico como ignorância ou irracionalidade, devemos

[...] focalizar o aspecto social que confere significado a tal uso. Este, frequentemente, está imerso em sistemas simbólicos com lógica própria. Em se tratando do sistema simbólico inerente aos grupos sociais das academias, a dor e o sacrifício aparecem como um preço a ser inevitavelmente pago pela conquista de uma vitória presumível na construção de uma identidade inerente à aceitação em um grupo restrito (SABINO, 2004:169).

A dor experimentada nas sessões de aplicação de silicone líquido, as náuseas provocadas pela ingestão de hormônios em grande quantidade, assim como as diárias intervenções corporais, fazem parte do "*cuidar-se*", valor moral caro às travestis. Só assim elas se tornarão "*belíssimas*".

Entre as travestis, ser *belíssima* é uma classificação estético-moral que aponta para um conjunto de cuidados que estas dedicam ao corpo e, assim, à construção da Pessoa. É este "se cuidar" que atesta a determinação da travesti em se transformar e, assim, adequar seu corpo "de homem"⁵ aos seus desejos e práticas sexuais, construindo para si o que Butler (2002) chama de "gêneros inteligíveis"⁶.

⁵ Partindo de várias histórias de vida a mim relatadas, bem como da literatura sobre o tema (SILVA, 1993; OLIVEIRA, 1994; SILVA & FLORENTINO, 1996; OLIVEIRA, 1997; DENIZART, 1997; KULICK, 1998; JAYME, 2001), as travestis se reconhecem como homens, por isso muitas delas se referem à sua orientação sexual como sendo "homossexual".

⁶ "Gêneros 'inteligíveis' são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidades entre sexo, gênero, prática sexual e desejo" (BUTLER, 2003: 38). Essa inteligibilidade dada pela norma heterossexual é a mesma que as torna seres "abjetos", isto é, aqueles que são alocados pelo discurso hegemônico nas "zonas invisíveis e inabitáveis" onde, segundo Judith Butler (2002: 18), estão os seres que não são apropriadamente generificados, os que, vivendo fora do imperativo heterossexual, servem para balizar as fronteiras da normalidade, sendo fruto, portanto, desse discurso normatizador que institui a heterossexualidade como natural (BUTLER, 2002 e 2003).

Exatamente o fato de não serem mas de desejarem parecer mulheres é o que torna as travestis alvo de olhares, de interesse, de fascínio e de repúdio. Elas desestabilizam o binarismo de sexo/gênero, ainda que paradoxalmente o reforcem em seu discurso. Esforçam-se na construção de toda uma engenharia erótica, como propõe Hugo Denizart (1997), capaz de dar visibilidade a atributos associados ao feminino – um feminino glamourizado que convive, muitas vezes, com atributos típicos da masculinidade (autonomia, independência, força física, valorização da honra, exacerbação da sexualidade). Talvez seja a percepção desses elementos de incongruência, fascínio e empenho transformador que as faça repetir o bordão *“travesti é luxo, é glamour”*. Essa idéia parece vir também da oposição entre natural/artificial, sendo o primeiro elemento valorizado em relação a alguns atributos físicos – como ter cabelos “naturais” – e depreciado em relação a outros – como deixar os pêlos do corpo crescerem, sem intervir nesse processo –, para ficarmos com dois exemplos ligados a cabelos/pêlos, elementos importantes nessa construção. O artificial tende a ser mais valorizado, pois ele marca o pertencimento ao grupo, bem como aponta para os investimentos no processo de construção da Pessoa travesti. Maraia e Alessandra⁷ procuram explicar a atração que exercem sobre muitos homens a partir desse par de oposições:

[Alessandra] *A gente é um homem, entendeu? Um homem transformado.*

[Maraia] *A gente tem uma aparência mais exótica, uma mulher exótica.*

[Alessandra] *A gente chama mais a atenção. Mais produzida, se preocupa mais com a aparência... com maquiagem, com cabelo, com a roupa. A mulher não.*

[Maraia] *Elas são naturais, entende? A gente é artificial e ao mesmo tempo exótica. A gente é diferente.*

[Alessandra] *Chama atenção!*

⁷ Em entrevista concedida à pesquisadora em 22/05/2004, na casa em que viviam, na cidade de São Carlos, SP.

A “naturalidade” das mulheres biológicas, segundo muitas travestis, as faz mais despreocupadas com a aparência, e isso vale também quando se trata de prostitutas mulheres, com as quais as travestis geralmente dividem os territórios do comércio sexual. As travestis que integraram essa pesquisa costumam atribuir a falta de cuidados das mulheres ao fato de estas terem “buceta/útero”, compondo um sistema que faz da genitália e do aparelho reprodutor os definidores do gênero. Essas são, portanto, “mulheres de verdade”, o que, segundo a percepção do grupo, as legitimaria frente aos homens, pois o “homem de verdade” gosta de “buceta”. O que este homem procura nas travestis é “uma mulher exótica”, “um homem transformado”.

Ter uma “mulher” com pênis para se deitar é “luxo”, porque sai do trivial: mulher com buceta. Como relata Mônica, que gostava de humilhar clientes por ter se sentido sempre explorada por eles: *“Vai atrás de mulher, mulher é mais fácil. Te dá filho. Com um prato de comida, você compra mulher. Travesti é luxo. É pra quem tem dinheiro”*⁸. O exotismo estaria justamente em reunirem em seus corpos elementos que não deveriam estar juntos: peito e pênis, largas ancas e pés grandes, coxas lisas e pomo-de-adão. Em *“Purity and Danger”* [“Pureza e Perigo”], Mary Douglas “sugere que os próprios contornos do ‘corpo’ são estabelecidos por meio de marcações que buscam estabelecer códigos específicos de coerência cultural” (BUTLER, 2003a: 188). Nas culturas em geral, há

[...] forças poluidoras inerentes à própria estrutura das idéias e que punem a ruptura simbólica daquilo que deveria estar junto ou a junção daquilo que deve estar separado. Decorre daí que essa poluição é um tipo de perigo que só tende a ocorrer onde as fronteiras da estrutura, cósmicas ou sociais, são claramente definidas (DOUGLAS *apud* BUTLER, 2003a: 189).

Butler (2003a) propõe uma releitura pós-estruturalista⁹ de

⁸ Na já citada entrevista.

⁹ Butler considera a proposta de Douglas limitada por sua perspectiva estruturalista, na qual natureza e cultura se colocam dentro de um binarismo que não oferece possibilidades de se pensar em configurações culturais alternativas para esses corpos.

Douglas, sugerindo que as fronteiras do corpo seriam os limites do socialmente hegemônico. Seguindo essa proposta de análise, a "artificialidade" valorizada pelas travestis seria justamente o que as lança nas zonas de perigo, posto que é tido como antinatural pelo sistema hegemônico que marca e delimita os corpos em cada sociedade. Paradoxalmente, a essa artificialidade inscrita no corpo e nele aparente deve corresponder um sexo que se naturaliza a partir da genitália, marcando também um gênero construído, mas tomado como natural. A naturalização dos desejos estreitamente ligados ao gênero e a um sexo biológico parece impedir as travestis de verem suas práticas como oposição a regras sociais. Tendem, assim, a manterem-se atadas à matriz heteronormatizadora, reproduzindo um discurso homofóbico, por mais contraditório que, a princípio, isso pareça.

Butler (2002), ao comentar o documentário *Paris em Chamas*¹⁰, afirma que o travestismo se apropria, também, de normas racistas e misóginas¹¹. Nesta película, há uma protagonista real que adota o nome de Vênus Xtravaganza. Ela se "faz passar" por uma mulher de pele clara, mas, por alguns motivos não mencionados por Butler, não chega a ser completamente convincente como mulher, tampouco como

¹⁰ Filme realizado em 1991, por Jennie Livingston, sobre bailes travestis ocorridos no Harlem, Nova Iorque.

¹¹ O que pude constatar em campo. Seleccionei, entre diversos episódios, um que ilustra essa afirmação. Alguns rapazes mexem com as travestis que estão na esquina. São insistentes, querem que elas se aproximem e mostrem partes do corpo. Estão em um carro de modelo dos anos de 1980, visivelmente desgastado pelo uso. Diante da resistência das travestis em ceder aos seus chamados, passam a dirigir a elas frases ofensivas, chamando-as de "João", "viado", entre outras, ao que Jennifer, uma das travestis do grupo, comenta: "Só podia, né? Olha a cor!", referindo-se ao fato de os rapazes serem quase todos negros. Em relação à misoginia, cabe uma reflexão mais alongada, uma vez que muitas falas nesse sentido são manifestações que algumas de minhas depoentes já declaram ser de "defesa", pela concorrência no restrito mercado afetivo/conjugal, ou por se sentirem inferiorizadas como paródias – ainda que jamais tenham usado esse termo. Porém, o que o campo aponta é que há também um componente de recusa daquilo que é feminino fora delas, daí a referência à misoginia. As travestis operam também uma interessante inversão em relação ao feminino e ao masculino, cujos termos estruturadores são o "nelas"/incorporado e o "o fora delas"/exteriores: o feminino buscado e incorporado é positivo – quanto mais feminina, mais bonita e prestigiada será a travesti. O feminino fora delas, o que não se insere em seus corpos, é sempre negativo, mal visto. As mulheres, as *amapôs*, na gíria do grupo, são "as mais podres" (é o que significa "amapô"). Os homens que assumem traços femininos são "as gays", quando assumidamente homossexuais, ou "as mariconas", quando se trata de clientes – ambas categorias desprestigiadas, por isso aparecem gramaticalmente no feminino.

branca. É esse "passar-se por" branca que me chama especial atenção, pois o que as travestis desta pesquisa parecem buscar é o que Butler detectou em Vênus Xtravaganza:

[una] cierta transubstanciación de género para poder hallar un hombre imaginario que indicará un privilegio de clase y de raza que promete un refugio permanente contra el racismo, la homofobia y la pobreza (...). El género es el vehículo de la transformación fantasmática de ese nexo de raza y clase, el sitio de su articulación (Idem. Ibid.: 190-191).

Quando Liza Lawer, Samantha Sheldon e Fernanda Galisteo escolhem¹² seus nomes e sobrenomes, não o fazem de maneira casuística, mas a partir de um referencial em que raça, classe, gênero se encontram e se combinam. Mulheres glamourosas, sexualizadas, ricas, brancas e loiras orientam essa escolha sintetizada nos nomes. Como a personagem real de *Paris em Chamas*, Samantha Sheldon busca "passar-se por" branca. Identifica-se como loira, de olhos verdes, mesmo que sua tez seja morena, seus cabelos muito ondulados estejam tingidos e que seus traços remetam a uma origem negra. Deseja "passar por mulher" também, com seus seios muito volumosos, suas ancas largas e nádegas de uma protuberância que toca a artificialidade. Ou seja, o efeito "natural" escapa, e, assim, a autenticidade que faria a personagem crível¹³. Como muitas travestis, Samantha conta que viveu na Europa, mais precisamente em Milão, Itália – a Meca das travestis. A passagem pela Europa significa uma ascensão social no meio travesti, não só porque possibilita ganhos financeiros, mas porque estes podem reverter-se em bens simbólicos: uma prótese cirúrgica para os seios, plástica no nariz, roupas de grifes importadas,

¹² Algumas travestis são "batizadas" por amigas ou "mães", isto é, travestis mais velhas que as iniciam na vida de travesti. Quanto ao sobrenome, na maior parte das vezes elas mesmas os escolhem.

¹³ Butler escreve que "las reglas que legitiman la autenticidad (...) constituyen el mecanismo mediante el cual se elevan insidiosamente como parámetros de autenticidad ciertas fantasías sancionadas, ciertos imaginarios sancionados" (BUTLER, 2002: 191). A naturalidade, portanto, seria um efeito da incorporação das normas racial, de classe e de gênero, numa representação perfeita desses ideais, a ponto de que o artifício da imitação das normas não consiga ser lido como tal, surtindo seu efeito, a autenticidade, uma vez que o que está sendo representado a partir de um modelo não se distingue mais do próprio modelo.

perfumes caros. Capitalizadas por esses bens, sentem-se capazes de desafiar os limites das margens, procurando assegurar um outro lugar para si mesmas a partir da sua beleza, da independência financeira que alimenta o processo de transformação e que possibilita que o mesmo esteja cada vez mais ajustado às normas e, portanto, da "autenticidade". Esta, por sua vez, possibilitará que um "homem de verdade", destes que vivem fora da noite e da margem, as tome como suas mulheres.

Em outra passagem de *Paris em Chamas*, Butler traduz o que o travestismo pode significar para muitos rapazes afeminados nascidos nas classes populares que trazem esse pertencimento marcado na cor da pele e nos traços físicos. A rainha do baile travesti mostrado no filme é Vênus, uma "mulher" constituída pelos olhares hegemônicos, isto é, brancos e homofóbicos. Para ser mulher e branca, ela se vale do excesso, sobrepujando a feminilidade das próprias mulheres, confundindo e seduzindo o auditório, mas é justamente essa representação hiperbólica que a arrasta para a abjeção que deseja superar. Assim,

[...] el exceso fantasmático de esta producción constituye el sitio de las mujeres [como también de otros seres "objetos"] no sólo como mercancías comercializables dentro de una economía erótica de intercambio, sino además como mercancías que también son, por así decirlo, consumidoras privilegiadas que tiene acceso a la riqueza, ele privilegio socia y la protección (Idem. *Ibd.*: 193).

Movidas por essa busca de "transubstanciam-se" é que migram para a Europa, onde, acreditam, terão chances de juntar dinheiro para produzir esse excesso fantasmático que as aproximaria da autenticidade, quando é ele justamente que denuncia o não-autêntico¹⁴.

É fato que algumas travestis fazem um patrimônio com os ganhos obtidos na Europa. Se assim não fosse, o fluxo de travestis brasileiras para o Velho Continente não se manteria.

¹⁴ Há uma mudança nesse padrão do "excesso". A nova geração tem procurado referências mais atuais de beleza feminina, como discuto a seguir.

O sonho de partir é alimentado, sobretudo, pelas que voltam, pois são estas as que podem contar as histórias e aventuras vividas por lá; "dar close"¹⁵ passeando pelos pontos de prostituição em seus carros novos, trajando Dolce & Gabbana e deixando que todas saibam sobre seus imóveis adquiridos. Comprovam, assim, um duplo sucesso: o de ter competência para ganhar dinheiro e de ser suficientemente "bela" para consegui-lo a partir de seus atributos físicos.

Para algumas travestis, a Europa significará um ponto de "viragem", promovendo-as no mercado sexual brasileiro, não só pela sua passagem por lá, mas por possibilitar transformações radicais no corpo. Outras podem voltar empobrecidas e marcadas pelo fracasso financeiro, apontando para o insucesso como travesti, o que é extremamente doloroso. A Europa também pode abrir a possibilidade de saída da prostituição, ainda que as mantenha no comércio sexual, por exemplo, como "financiadoras", isto é, aquelas que emprestam dinheiro para a passagem e providenciam desde de documentação até a moradia e local de trabalho para aquelas que pretendem partir.

As experiências se diferem, guardando em comum o fato de alimentar o sonho de ascensão social, que, para muitas, está associado à possibilidade de serem tratadas com menos preconceito, o que pode ser conseguido, acreditam, pela transformação acurada e cara, feita dentro do sistema oficial de saúde, conferindo-lhes a possibilidade de se "passar por mulher". São poucas as que conseguem essa transformação tão sofisticada. Normalmente, as que a alcançam são as "tops" e/ou "européias". As primeiras são travestis que fazem filmes de sexo explícito e ensaios fotográficos de igual teor. São tidas pelas demais como "belíssimas". Muitas delas têm acesso freqüente à Internet, espaço em que mantêm *blogs* e *fotoblogs*¹⁶. O uso contumaz das plataformas disponibilizadas pela Internet

¹⁵ Significa exibir-se, esnobar, fazer-se passar por superior.

¹⁶ Os *blogs* e *fotoblogs* são plataformas de sociabilidade virtual que agem como murais de notícias. Diferenciam-se das *webpages* por permitirem que os visitantes da página digitem comentários sobre temas ali discutidos e, sobretudo nos *fotoblogs*, sobre as fotos e/ou pessoas e/ou eventos que as mesmas retratam.

as faz mais conhecidas e prestigiadas, o que permite que cobrem até R\$ 150,00 por uma hora ou uma hora e meia de programa completo (sexo com penetração).

Gladys Adriane, travesti *top*, acredita que uma verdadeira *top* deve falar pelo menos dois idiomas. Ela fala inglês e espanhol, além do português, e espera voltar desta sua temporada na Itália versada no italiano também. As *tops* têm de falar outros idiomas, mas não devem falar o *bajubá* ou *pajubá* (usam-se ambos os termos), gíria própria das travestis que tem sua origem no iorubá-nagô. Lembro-me de Juliana Nogueira, uma *top*, comentando que, na casa onde morava, havia uma caixinha para depositar a multa de R\$ 1,00 por se falar *bajubá*.

Outro requisito citado por Gladys, bem como por Victória Ribeiro, também reconhecida como *top*, diz respeito aos cuidados estéticos, o que inclui o uso de produtos de marcas caras: "das pontas das unhas dos pés até o último fio de cabelo, deve ser intacto e o mais perfeito possíveis... pele, então...", declara Gladys em conversa via MSN¹⁷. "Praticamente 70% dos meus ganhos é em minha imagem... agora não, eu tracei outras metas; e, quando você vai ficando com a imagem que desejou, passa a gastar um pouco menos..." – explica Gladys.

Ser uma *top* ou *européia* pode significar, por vezes, a mesma coisa. Mas nem toda *européia* é *top*, assim como nem toda *top* é *européia*, pois, para ser *européia*, como o título indica, tem de se ter vivido uma temporada atuando como prostituta lá fora. Desde os anos de 1980, as travestis descobriram a prostituição na Europa e passaram a atuar por lá.

Quando Paris era o sonho de ascensão das travestis, imperava também o estilo "traveção": ancas fartas, muito seio, boca carnuda, coxas volumosas. O exagero é a marca desse "corpo Paris", e é justamente o excesso que remete à imagem masculina. Como me explica Fabyanna Toledo, que, no exato momento, vive sua primeira temporada na Europa: um traveção "nunca passará por mulher".

Como todo o conjunto de padrões estéticos das travestis, este também está ligado a valores morais próprios do grupo.

¹⁷ Messenger (MSN), sistema on-line de comunicação em tempo real.

Por exemplo, pode-se ser *gayzinho*, mas só é tolerado que se tenha um visual andrógino e indefinido na fase inicial da transformação. Depois disso, a pessoa passa a ser vista como desleixada ou mesmo covarde, por não ter coragem de ir a fundo na transformação.

O "traveção" está ligado ao exagero, ao masculino e, portanto, ao insucesso ou ao ultrapassado. O estilo valorizado atualmente é a "ninfetinha", mais natural – curvas mais enxutas, seios menos exagerados, roupas mais ao gosto das adolescentes que aparecem em programas televisivos –, "fazendo a linha Patricinha"¹⁸. Como as adolescentes e jovens heterossexuais, as travestis também se deixam seduzir pelos apelos da moda, por padrões estéticos rigidamente estabelecidos pela mídia; assim, muitas delas reproduzem esses valores estéticos em busca de legitimidade.

Como se vê, a intervenção na carne é também uma alteração moral. Por isso, Jennifer, travesti de vinte e dois anos, tem certeza de que mudará seu jeito de ser quando colocar a sua prótese de seios. "Mudar como?", quero saber. "Não sei, mas eu vou ficar diferente, closeira"¹⁹, num sei. Diferente de como eu sou agora".

Nos nervos, na carne e na pele

Mesmo sem suas sonhadas próteses, que ela deve colocar junto a um cirurgião plástico famoso entre as travestis paulistas, Jennifer sente-se alterada quando aumenta a ingestão de hormônios femininos – isso porque os hormônios femininos que ingere a deixam "nervosa". Essa perturbação se manifesta pela irritabilidade, pela propensão maior a "estourar", a não ter controle sobre seus sentimentos e reações. Como a literatura antropológica sobre "o nervoso" indica (DUARTE, 1988; CARDOSO, 1999; LEVIGARD, 2001), este é "percebido como uma categoria culturalmente interpretável" (LEVIGARD, 2001: 16), integrando aspectos físicos, morais, sociais e mesmo espirituais.

¹⁸ "Fazer a linha" significa "agir como se fosse".

¹⁹ O termo deriva da expressão "dar close".

Assim, para as travestis, ser ou estar “nervosa” tem relação com uma situação físico-moral específica que as associa a elementos socialmente sancionados como femininos. É por meio da ingestão sistemática de remédios contraceptivos ou para reposição hormonal de mulheres na menopausa que as travestis iniciam seu processo de transformação. Como relata Gabrielle, travesti ouvida por Benedetti:

Eu acho que o hormônio na vida de uma travesti é a feminilidade toda, tudo tá ligado ao hormônio. Inclusive, têm amigas minhas que, quando vão à farmácia comprar hormônios, elas costumam colocar assim, ó: “Eu vou comprar beleza”; porque o hormônio é realmente a beleza na vida de uma travesti. Ele ajuda na pele, que fica mais macia (...), inibiu o crescimento de pêlos, desenvolveu a glândula mamária, entendeu, arredondou formas, e até a expressão do olhar de quem tomou hormônio é diferente (...). A gente fica mais feminina pra falar, pra sentar, e tudo isso é efeito do hormônio no teu organismo (BENEDETTI, 2000: 66).

“O hormônio é como o alimento do corpo”, explica Juliana Nogueira, travesti de vinte e poucos anos, já bastante transformada pelas plásticas, bem como pelo uso de hormônios.

Analisando os dois depoimentos, vê-se que o hormônio se confunde com qualidades atribuídas simbólica e fisiologicamente ao sangue. Ele dá vida, mas não qualquer vida, e sim a de travesti, como também propõe Benedetti (2000). Entra no sangue e, desse modo, circula pelo corpo, conferindo à travesti os atributos desejados da feminilidade, assim como os indesejados também. “Hormônios engordam”, declaram muitas. Abrem o apetite e reduzem o desejo sexual.

Verônica, bombadeira, surpreende-se quando digo a ela que já ouvi falar que o hormônio “suja” o sangue. “Ao contrário”, afirma, “ele limpa. Pelo menos pra mim, que tomo hormônio, limpa. Me ajuda, limpar o rosto, as espinhas começam a sair. Acho que pra todas”²⁰. O hormônio, circulando pelo sangue, limpa a travesti daquilo que é masculino: pêlos, pele grossa, traços angulosos. Atribui a elas também qualidades morais vistas como próprias da mulher:

²⁰ Em entrevista concedida à pesquisadora, em 03/09/2005, na casa de Verônica, em São Carlos, SP.

sensibilidade, delicadeza e até mesmo dedicação ao lar.

Bruna Fontenelle, travesti de vinte e quatro anos, é quem fala sobre os efeitos do Gestadinona combinado com Perlutam. Seu cheiro muda, sua relação com a casa também. Fica muito exigente com a organização doméstica, não suporta ver nada fora do lugar. Pega gosto por lavar louças e roupas, de tal forma que suas roupas brancas ficam numa alvura sem igual. Adora passar também, função na qual se esmera, pois não suporta, quando está sob efeito desse hormônio, nenhum “amarrotadinho”, tanto que dedica longos minutos na arrumação da cama, pois precisa ver os lençóis bem esticados, até que nenhuma “dobrinha” apareça. Essa obsessão a deixa “nervosa”, avalia ela. O desinteresse por sexo a leva a não ter orgasmo e, portanto, ejaculação, o que agrava o estado de nervos.

Já Victória Ribeiro declara o contrário: para ela, a ereção se torna difícil se não está tomando hormônios, pois, sem seus traços femininos, afirma não conseguir sentir-se bem – isso inclui ter prazer com seu corpo, que incide na sua sexualidade. “Eu sou viciada em hormônios”, confessa. Quando está bem hormonizada, fica com “cabeça” de mulher, o que significa não querer saber de coisas masculinas como “competitividade, agressividade e promiscuidade”, o que a leva a procurar menos sexo, fazendo só o que a sua profissão exige.

Muitas travestis já me relataram a relação entre ter um pênis e a necessidade de ejacular com frequência. Mais do que isso, elas precisam “gozar” para não ficarem “nervosas”. O fluido masculino não pode ficar retido no corpo: não seria “natural”. Porém, se gozam muito, deixam o hormônio feminino sair. É o que me diz Sasha, ao me mostrar algumas fotos do seu último ensaio fotográfico:

[Sasha] Mulher, olha como os meus peitos tavam grandes!

[Pesquisadora] E por que não tão mais, você parou de tomar hormônios?

[Sasha] Não, mulher, tenho gozado demais, aí já viu, né? Vai tudo embora²¹.

²¹ Diário de campo, 05/03/2005.

Outras dizem que isso é “bobagem”, “crendices”; o que não se pode fazer mesmo é tomar bebida alcoólica, só cerveja, um pouco. As divergências de opinião sobre os usos e efeitos dos hormônios femininos encontram uma convergência na idéia de “nervoso”. A travesti hormonizada fica nervosa, sem gosto para o sexo, que, como se viu, aumenta o nervoso, pois não se goza. Essa percepção está relacionada à idéia de “obstrução”, conforme discutida no já clássico *Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas*, de Luiz Fernando Dias Duarte (1986).

A obstrução é um dos nódulos que compõem a “construção interpessoal pelo nervoso” e aponta para uma interrupção num fluxo de substâncias que deveria dar-se de forma regular. Seguindo a lógica dos movimentos das substâncias proposta por Duarte de subir/descer e entrar/sair, no caso específico do sêmen, este ficaria retido pela impossibilidade de gozar, presente nas travestis muito hormonizadas. Essa obstrução geraria o nervoso ao mesmo tempo em que faria com que os elementos feminilizantes do hormônio circulassem para fora, saindo do corpo por meio do esperma. Duarte aponta para a homologia subjacente entre sangue e esperma, a mesma que aparece nas representações do candomblé, religião à qual muitas travestis estão filiadas.

Segundo Wiik (1998), no candomblé o sangue é a fonte mais forte do axé, que é, por sua vez, a força vital, a energia divina. Entre as travestis, o termo axé tem várias acepções, todas positivas e associadas com elementos mágicos e sagrados. Pode indicar ter uma luz própria, ter sorte, “ter uma estrela só sua”, como explica Elaine, remetendo a uma força que, mesmo sendo própria e vindo de dentro, foi, de alguma forma, concedida, por isso é dom. Daí seu caráter mágico/sagrado.

Retornando ao sangue e a seus significados no candomblé, têm-se categorias de sangue segundo atribuições de cores: sangue vermelho, branco e preto. O esperma estaria na categoria do sangue branco, enquanto a menstruação seria vermelha, sugerindo uma homologia já proposta por Duarte (1986) entre homem e mulher.

Quando há ejaculação, reafirma-se o masculino pela produção do sangue branco/masculino/frio. A sua eliminação

também está no plano da afirmação, pois a ejaculação elimina hormônios femininos, possibilitando que o sangue vermelho/feminino/quente volte a engrossar. O sangue grosso associa-se à força; e esta, por sua vez, ao masculino. Quando “hormonizadas”, as travestis passam a ter no “sangue” o feminino.

Os hormônios são quase sempre ingeridos em coquetéis: Gestadinona com Perlutam ou Uno Ciclo. Por vezes, são tomados de forma alternada, de maneira que, durante algumas semanas, se toma um tipo para depois substituí-lo. Assim, segundo Verônica, é possível observar-se melhor qual de fato faz efeito no seu organismo. A preferência geral é pelos injetáveis, pois o que se fala muito entre elas é que os hormônios em forma de comprimido dão enjôo e engordam mais. O enjôo é causado, muitas vezes, pelo consumo em grande quantidade no mesmo dia: de três a quatro comprimidos, ou mesmo uma cartela completa. “As bichas²² não querem esperar, acha que é assim, que vai tomar, tomar e puf: numa mágica, aparece o corpo”, comenta Karen Zanetti. Esse tipo de observação é bastante comum entre o grupo, acompanhada da certeza de que este excesso faz mal, pois “mexe com o fígado e até com a cabeça; tem bicha que fica louca, nervosa demais, de tão hormonizada”, observa Rúbia, travesti mais velha, que já parou de tomar hormônios.

Em sua etnografia no Vale do Jequitinhonha, Marina Cardoso observou o papel do fígado como o principal regulador de processos fisiológicos ligados à circulação e à digestão. Esse caráter depurador e eliminador dos alimentos e das substâncias absorvidas coloca este órgão em relação direta com a qualidade do sangue (CARDOSO, 1999: 142). Na organização anatômica própria das classes populares, a cabeça tem uma relação com elementos frios, como discute Marcos Queiroz (1978). O excesso de hormônio, quando ataca o fígado, compromete o papel regulador do mesmo. Assim, esse excesso circula no sangue afinando-o – e, para algumas travestis, sujando-o. O sangue fino associa-se à fraqueza, e essa, por sua vez, ao feminino, que se relaciona com o nervoso, como propõe Duarte:

²² É comum que as travestis se tratem por “bicha”, “viado” e “mona”, termos que revelam a percepção do grupo quanto à sua condição de pessoas homo-orientadas em relação aos parceiros sexuais.

[...] é mais *nervosa*, nesse sentido, por ter uma sensibilidade que se antepõe logicamente à *força*, embora pressuponha a idéia de uma *resistência* (...). Mais nervosa, ainda, por ser justamente mais "moral", mas próxima ou consentânea com a reprodução "moral" da casa (DUARTE, 1986: 180).

Se o hormônio é a feminilidade, a beleza e o nervoso – que confirmam os resultados da feminilização –, o silicone é "*a dor da beleza*". O corpo feito, todo "*quebrado na plástica*", é o sonho da maioria. Mas nem sempre as intervenções podem ser conseguidas em clínicas de cirurgia plástica filiadas ao sistema da medicina oficial. Então, procura-se o caminho tradicional, aquele que vem sendo usado há pelo menos trinta anos pelas travestis: a bombadeira. É Paulette, travesti com mais de cinquenta anos quem conta:

[Pesquisadora] E aí, quando apareceu o silicone, como é que foi? Teve uma procura muito grande?

[Paulette] Ah, teve! Ah, teve, porque aí as bichas ficaram enlouquecidas. Porque ninguém mais queria tomar hormônio. Aí todo mundo queria bombar peito, bombar bunda. E também foi a época das próteses. Todo mundo queria pôr prótese²³.

Desde então, são as bombadeiras que injetam silicone líquido no corpo das travestis. As bombadeiras são, na sua imensa maioria, travestis também. Cabe a elas "*fazer o corpo*" através de inoculação desse líquido denso e viscoso, usado como óleo para lubrificar máquinas, no corpo das suas clientes. O processo é dolorido, demorado e arriscado.

Todas as travestis parecem saber que se bombar é perigoso. Mas a maioria não abre mão dessa técnica de transformação do corpo. Em pesquisa realizada pela *Unidas*, associação formada por travestis de Aracaju (SE), constatou-se que, mesmo 68% das 22 travestis entrevistadas sabendo dos riscos do silicone industrial e 92% conhecendo pessoas que tiveram problemas com o uso do produto, 80% delas fariam aplicações do produto²⁴. Essa realidade se verifica também entre os grupos

²³ Entrevista concedida à pesquisadora, em 04/04/05, nas dependências do AE Jabaquara.

²⁴ Informações divulgadas no livreto *Silicone – Redução de Danos*, publicado pela Associação de Travestis "Unidas na Luta pela Cidadania".

de travestis que fazem parte dessa pesquisa (travestis da capital e do interior de São Paulo).

Bombar-se é entrar definitivamente no mundo das travestis e com ele compactuar. Por isso, algumas travestis *tops* asseguram que não têm nem nunca terão esse "lixo" no corpo. Criam, desta forma, uma clara distinção entre elas e as "outras": pobres, "feias", "*viados de peito*". Poucas são as travestis que não se valeram do silicone industrial para moldar suas formas. O resultado instantâneo seduz, pois, ao contrário dos hormônios – que levam no mínimo cinco semanas para começarem a agir e de forma discreta –, ao finalizar a sessão com a bombadeira a travesti tem "*seu corpo*".

Certa vez, na casa de Cláudia – na época cafetina e bombadeira –, encontrei Sandra, uma das inquilinas, andando nos calcanhares. Naquela semana mesmo, Sandra havia "*bombado*" os quadris. As demais travestis da casa recomendavam, em tom maternal, que ela fosse deitar-se. Quando se submetem a esse tipo de intervenção corporal, é preciso ficar de bruços e quietas, para evitar que o silicone "escorra". Sandra havia-se levantando porque um dos furos estava vazando, e ela não sabia o que fazer. Recomendaram-se esparadrapo e repouso.

Dentro das práticas de cuidados das travestis, categorias próprias do universo popular estão presentes. É a esse conjunto de saberes que recorrem nesses momentos. Algumas terapias próprias da medicina ocidental são incorporadas a estes cuidados, como o uso de anestésicos, ingestão de anti-inflamatórios e de antibióticos, mas, na maioria das vezes, estes são ministrados pela bombadeira ou por uma travesti mais experiente. Pode-se dizer que elas guardam uma certa "autonomia terapêutica" em relação às recomendações vindas da medicina ocidental.

A técnica de bombar é aprendida, geralmente com outra travesti, pela observação. Verônica Rios, por exemplo, começou como auxiliar da bombadeira com quem morava em São Vicente. Ela conta que ficou fascinada pela técnica e se ofereceu para ser ajudante, pessoa que auxilia durante o processo. À ajudante, cabe auxiliar nas amarrações, preparar o local, encher o copo

com silicone, para depois mergulhar as seringas, puxando o líquido para o embolo, enquanto a bombadeira faz as aplicações. Foi assim que Verônica passou, ela mesma, a bombar.

Geralmente, o dia de bombar é um como outro qualquer na rotina da casa, o que pode levar a bombadeira a suspender a sessão programada por conta de questões referentes à administração de seu negócio. Para evitar cancelamentos, Verônica, quem pode acompanhar em ação, prefere fazer esse trabalho no final da tarde, quando "as bichas" já estão de saída para a rua. A excitação de quem vai bombar é visível, mesmo quando não é a sua primeira vez. Há grande apreensão, principalmente porque se fala muito, entre elas, da dor que se passa durante o processo. Teme-se também pelos resultados, mas não se fala muito nos possíveis problemas estéticos e de saúde que o silicone pode causar. Uma sessão de aplicação de silicone não obedece à racionalidade de uma consulta médica, ainda que haja um agendamento prévio, preparação do local e cuidados com o manuseio do material. A previsibilidade não faz parte da dinâmica de vida das travestis que se prostituem. Assim, manter-se sem uso de álcool ou de qualquer outra droga e fazer exames prévios podem ser procedimentos inviáveis para quem trabalha na noite e que não impedirão que tanto a travesti que "se deita"²⁵ quanto a bombadeira realizem o processo.

Ao contrário do que acontece quando há uma internação hospitalar, ao se bombar a travesti não experimenta uma ruptura com seu cotidiano, nem um "desfazer de suas certezas e identidades" para se transformar em paciente (SANT'ANNA, 2001: 31) e, assim, num "corpo em pedaços", sob o qual incidem práticas e manipulações descontínuas e fragmentadas²⁶. Um

²⁵ Termo nativo para designar o momento de injetar silicone.

²⁶ Denise Sant'Anna defende que o paciente hospitalar tem sua subjetividade transformada e reduzida "à identificação de elementos corporais - sangue, genes, óvulos, espermatozoides, órgãos, ossos, etc. - passíveis de mensuração e de avaliação científica" (Idem. Ibid.: 32). Submetido à rotina hospitalar, o paciente tem pouco ou nenhum controle sobre os procedimentos médicos e sobre a sua rotina dentro da instituição hospitalar. Sant'Anna usa o termo "gota" como metáfora para ilustrar o controle que a instituição tem sobre os pacientes. As visitas são ministradas em dosagens controladas; as informações sobre o estado do paciente idem, assim como o sono. "O que implica viver sob a angústia da espera. Espera-se o próximo remédio, o próximo diagnóstico, a próxima visita, a próxima refeição, o próximo banho, o próximo dia e a próxima noite" (Idem. Ibid.: 31) - quadro que, segundo meus registros apontam, é muito distinto daquele vivido pelas travestis no momento de se bombarem.

trecho de meu diário de campo ilustra a relação estabelecida entre a bombadeira e a travesti que se bomba.

Verônica, em seu quarto, aplicava silicone em Fernanda Carão. O processo me pareceu mais complicado do que o de Gisele, pois Fernanda já tinha silicone. O som está muito alto, como é de hábito na casa. No quarto, além da bombadeira, da auxiliar e da "paciente", estamos eu, Jennifer e o namorado de Verônica, que está deitado num canto jogando no celular.

Fernanda fuma na cama e agiliza firme a dor. Peço permissão para fotografar, ao que ela consente. Pergunto se está doendo. "Tá, muito!", mas continuou firme, sem gritos, só caretas e tragadas (Diário de Campo, 16/12/2005).

O ambiente familiar em que Fernanda se encontrava ajudava-lhe a sustentar a dor das seguidas inoculações feitas sem anestesia. A conversa, o cigarro, o entrar e sair das colegas que vinham dar palpites ou fazer comentários, a mão firme de Verônica, compunham o quadro que lhe permitia agüentar as longas horas da sessão.

São as bombadeiras que sabem quando o corpo da travesti está bom para ser bombado. Cláudia explica que é preciso que se "crie carne" para poder aplicar o silicone. Primeiro os hormônios têm de agir, fazendo seios crescerem, o quadril se avolumar para, então, bombar. Evidentemente, as técnicas variam. Há as bombadeiras que preferem massagear a região na medida que em fazem as aplicações, algumas que usam anestesia, principalmente xilocaína injetável, e as que, como Verônica, não gostam desse procedimento, pois, segundo ela, deixa manchas na pele. Jocasta, também bombadeira, diz que o mais difícil é fazer com que a paciente siga as recomendações de repouso: "o corpo fica pronto na hora, e aí muitas já querem sair pra mostrar, naquele deslumbre", conta. Verônica faz o mesmo tipo de observação: sem que a "bicha" siga as recomendações feitas pela bombadeira, o sucesso do trabalho fica comprometido. Além do repouso, as bombadeiras pedem que não se use salto por pelo menos um mês, no caso de bombar quadril e bunda, e que se durma sentada, quando se trata dos seios e do rosto. Além disso, é essencial observar-se a dieta alimentar. Nada de

alimentos quentes ou reimosos²⁷. Miriam dá outros detalhes sobre os cuidados em relação à dieta:

A pessoa que coloca silicone, ela não pode comer carne de porco. Carne de porco, ovo; dependendo do peixe, não pode comer. Uma coisa muito difícil assim de colocar silicone, por que dá muito "furunco". Geralmente a pessoa que come, dá muito "furunco" na pessoa, né?²⁸

Cardoso, ao discutir as representações sobre práticas terapêuticas populares, chama a atenção para as doenças que são explicadas por desequilíbrios biofisiológicos na relação do corpo com elementos classificados como "quentes" ou "frios", sobretudo os alimentos (CARDOSO, 1999: 139). Ao analisar essas representações, propõe que

Ao se considerar a classificação de elementos frescos e quentes aplicada à alimentação e à manutenção da saúde, o que estava sendo visado era a manutenção da "qualidade" do sangue: alimentos gordurosos, picantes, de difícil digestão tornavam o sangue "grosso", "reimoso", o que podia ocasionar desde ferida na perna a um derrame cerebral (...) Tendo um papel de extrema importância no funcionamento do corpo, o "sangue" requeria um controle adequado da alimentação, que passava a ter a um só tempo uma função nutritiva e terapêutica a exemplo das ervas e chás (Idem. Ibid.: 142).

Jennifer diz que silicone "suja o sangue". É quente, por isso faz sair impurezas na pele. O silicone é forte – por isso essa associação com o quente –, engrossa o sangue. Seu contato, no corpo, com outros elementos quentes se torna incompatível, podendo gerar até mesmo morte, segundo acreditam as travestis.

²⁷ A reima, como qualidade de alguns alimentos, remonta à medicina humoral, associada aos princípios da medicina hipocrática, do equilíbrio dos humores. Segundo Rodrigues (2001), este é um conceito "muito mais complexo que a classificação em quentes ou frios, fortes ou fracos, pois, enquanto essas qualidades são parte da natureza do alimento, o ser reimoso não o é. A condição de reimoso, atribuída a um alimento, não é permanente e não é a mesma em qualquer circunstância, como são as demais qualidades. Ela nasce da relação do alimento com o organismo que o ingere e é só por essa relação que ganha sentido" (RODRIGUES, 2001: 140).

²⁸ Depoimento colhido em reunião de supervisão técnica, em 19/04/2005, nas dependências do SAE Butantã.

O desejo de se ver cada vez mais feminina, isto é, "bela", sobreposição aos receios em relação ao uso do silicone, como já discutido. Ser/estar "bela" associa-se ao "cuidar-se", categoria largamente usada e que remete não só a cuidados estéticos, mas também àqueles relativos à manutenção de um corpo considerado bonito, porque, mesmo feminino, é forte – corpo forte, cabeça forte, ou "ter cabeça". A cabeça forte também auxilia neste "cuidar-se", pois uma travesti "sem cabeça" faz uso abusivo de drogas, faz programas sem preservativo e se deixa envolver por homens que vão explorá-la. A percepção do corpo como uma fisicalidade estreitamente ligada a princípios morais aproxima as travestis de uma visão holística sobre este mesmo corpo, que também está associado a elementos externos como o clima, os alimentos, forças da natureza e mágicas. Acionam, a partir dessas concepções, explicações para o funcionamento do corpo típicas das terapêuticas populares.

Cuidar-se inclui, ainda, uma série de práticas empreendidas diariamente (ou várias vezes por semana) pelas travestis. Estas vão dos cuidados com pêlos e cabelo a lavagens intestinais. Iniciemos com os primeiros: fazer o chuchu (tirar a barba), procedimento que pode ser feito com tratamentos estéticos em clínicas especializadas (laser, eletrólise) ou, mais comumente com lâminas. Esta é uma prática mal vista, pois remete a uma performance corporal masculina, além de denotar preguiça e falta de determinação. Os cuidados envolvem, ainda, pinçar pêlos do rosto, desenhar sobrancelhas, alourar pêlos do corpo; escovar, hidratar, tingir, alisar, trançar, aplicar fios sintéticos nos cabelos; colocar, manter e valorizar a peruca ou aplique (esse primeiro acessório é desvalorizado entre as travestis, pois o cabelo natural atesta o tempo que já se está em transformação, apontando também para um maior sucesso nesse processo).

Inclui-se, no rol de cuidados e de técnicas de valorização do corpo, o bronzeamento (natural ou em máquinas), para que a marca do biquíni – aspecto estético extremamente valorizado entre elas – fique bastante evidente. A pele bronzeada remete à imagem sexualizada da mulher brasileira, bem como as associa a mulheres glamourosas e de uma outra classe social.

Além da maquiagem, que deve valorizar os olhos e esconder as possíveis asperezas da pele, é importante saber escolher roupas, evidenciando suas formas femininas ou ajudando a “dar o truque”, isto é, otimizando seus atributos e disfarçando os “defeitos”.

No convívio com outras travestis é que a “novinha” aprende a valorizar nádegas, quadris e seios, assim como a se mover dentro dessas roupas – sejam saias justas, *tops* minúsculos ou calças *leggings* muito agarradas ao corpo. É aqui que entra a primeira técnica apreendida pelas travestis, muitas vezes sozinhas, nas descobertas da sexualidade e de seus corpos: “*aqüendar a neca*”²⁹, o que significa esconder o pênis. A *neca* é cuidadosamente colocada entre as pernas, pressionando o saco escrotal e, dependendo do “dote”³⁰ de cada uma, preso entre as nádegas; faz-se, assim, “a buceta”, como elas gostam de brincar. Com a experiência e a prática, as que se prostituem aprendem a fazer isso na rua, ao sair de um programa.

Importante também, principalmente para quem faz programas, é fazer a lavagem anal, o que evita que se “*passse cheque*”, isto é, que se suje com fezes o pênis do parceiro. Essa técnica pode variar de um asseio mais profundo, envolvendo a introdução da mangueirinha do chuveiro no ânus, ou mesmo uma lavagem feita com produtos como Fleet-enema, encontrado em farmácias. Essas informações são passadas na convivência umas com as outras e, atualmente, nos diversos *sites* e *blogs* de travestis na Internet. Drikka, travesti que mantém um *blog* próprio, ensina também aos clientes como proceder:

Antes de você fazer sexo anal, vá ao banheiro e defecue ou tente ao máximo. Após isso, pegue a mangueirinha do chuveiro e encha de água e solte no vaso sanitário várias vezes, até você sentir que não tem mais nada pra sair. Tenha o cuidado de tirar toda a água, porque, se ficar água internamente, também será chato! (http://bonecadrikka.blog.ig.com.br/2003_10.html).

Colocar o primeiro salto, a primeira peruca, aquela saia, é um desafio cercado de excitação. Mas não se compara à decisão

²⁹ A palavra “*aqüendar*” é polissêmica, sendo usada em vários contextos.

³⁰ Tamanho do pênis da travesti.

de começar a ingerir hormônios, o que, às vezes, fazem com voracidade, ou ao momento em que “*se deitam*” para a primeira aplicação de silicone industrial, materializando, nas camadas de silicone, a Pessoa travesti.

Os sujeitos se constituem, assim, a partir da interiorização de determinados procedimentos socialmente disponíveis e que devem ser assimilados, introjetados, incorporados. A discussão da noção de Pessoa passa pela discussão do assujeitamento e da corporalidade, o que nos leva à noção foucaultiana de subjetivação.

Para Foucault a concepção moderna da pessoa/indivíduo foi artificialmente construída como universalidade, naturalmente associada com a linguagem (discurso) da moralidade e da lei, com noções de direito, racionalidade, responsabilidade, sanitarismo e sexualidade. Na sua genealogia da episteme, medicalização, loucura, punição e sexualidade, Foucault desconstrói o sujeito moderno por meio de uma investigação das instituições e normas que o conformaram (LUKES, 1985: 294; Tradução livre da autora).

Dessa forma, as culturas investem diretamente sobre os corpos, como bem ilustrado no estudo de Viveiros de Castro (1979)³¹, articulando os planos físico, psíquico e social, que, assim imbricados, permitem que se considerem os planos simbólico e empírico como esferas articuladas, capazes de orientar todo um conjunto de práticas estruturadoras da experiência humana.

Ser Jennifer, Samantha ou Verônica tendo sido criadas como Erasmo, Anderson ou Cléber não é, absolutamente, no caso das travestis, construir para si uma personagem, isto é, representar um papel como figura dramática, ficcional³², mas

³¹ Em seu “A Fabricação do Corpo na Sociedade Xinguana”, Viveiros de Castro propõe que, entre os Yawalapiti (povo do alto-Xingu), o corpo é fabricado e metamorfoseado (esses dois processos são distintos, mas intimamente relacionados) como condição fundamental para a construção da Pessoa Yawalapiti. Sendo assim, “o social não se deposita sobre o corpo Yawalapiti como sobre um suporte inerte: ele cria este corpo” (VIVEIRO DE CASTRO, 1979: 41). Naquela sociedade, fabricar o corpo “significa que não é possível uma distinção ontológica – tal como o fazemos – entre processos fisiológicos e processos sociológicos, ao nível do indivíduo” (Idem. Ibidem: 40). Na análise de Viveiros de Castro, a partir da cosmologia xinguana, os seres humanos são produção cultural, e seu “corpo é corpo humano a partir de uma fabricação cultural” (Idem. Ibidem: 41), não se desassociando, assim, natureza e cultura.

agir dentro de uma performatividade que, reforço, não tem relação com atos teatrais que sugerem representações de papéis, senão com discursos que enunciam práticas e comportamentos, construindo sujeitos a partir dessas falas, que são discursos articulados em contextos de poder.

A meta das travestis é a "perfeição", categoria associada com outro valor caro ao grupo e que coroa a Pessoa: "passar por mulher". A "perfeição" dificilmente é atingida, conseguindo-se apenas dela se aproximar. Percebe-se que esta "transformação sem fim" enreda a Pessoa travesti em uma férrea disciplina corporal e subjetiva, à qual as travestis se submetem em busca de alcançar seu objetivo de feminilização absoluta. Não seria exagero afirmar que tal objetivo inatingível marca definitivamente suas vidas e as assujeita aos valores que, a olhos menos atentos, parecem aderir autonomamente e por gosto.

BIBLIOGRAFIA

ALLEN, N.J. "The category of the person: a reading of Mauss's last essay". In: CARRITHERS, Steven; COLLINS & STEVEN Lukes. *The Category of the Person: Anthropology, Philosophy, History*. Nova York: Cambridge University Press, 1985.

BENEDETTI, Marcos R. *Toda Feita – O corpo e o gênero das travestis*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob orientação da professora doutora Ondina Fachel Leal. Porto Alegre, abril/2000.

³² Como aparece na proposta de Goffman, sobretudo em seu *As representações do eu na Vida Cotidiana* (1999), o conceito de papel social tem origem no funcionalismo norte-americano e, apesar de ser um avanço por pluralizar o sujeito (especialmente como homem/mulher), baseia-se em uma complementaridade que ignora as tensões e conflitos entre os ditos "papéis". No interacionismo simbólico, especialmente em Goffman (vide *Estigma*) há um avanço no uso do conceito, pois papéis são criados em relação a outros por meio de relações de poder. De qualquer forma, apenas a partir da década de 1980 as ciências sociais passam a lidar de forma mais elaborada com a questão das identidades, sobretudo nos estudos de gênero, e o conceito de papel é definitivamente colocado em xeque e progressivamente cai em desuso. Sobre a questão, veja-se o panorama apresentado em "A Emergência das Questões Feministas nas Ciências Sociais". In: SCAVONE, Lucila. *Dar a vida e cuidar da vida – Feminismo e Ciências Sociais*. São Paulo: Editora Unesp, 2005 (pp.21-42). Agradeço ao professor Richard Miskolci essas referências e discussões acerca desses conceitos.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003a.

BUTLER, Judith. "O Parentesco é Sempre Tido como Heterossexual?". In: *Cadernos Pagu*, (21) 2003b (pp. 219-260).

BUTLER, Judith. *Cuerpos que Importan – Sobre os limites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires/Barcelona, México: Paidós, 2002.

CARDOSO, M. *Médicos e Clientela – da assistência psiquiátrica à comunidade*. São Carlos: Fapesp/Editora UFSCar, 1999.

DENIZART, Hugo. *Engenharia Erótica – Travestis no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor em co-edição com o CNPq, 1986.

FRY, Peter. *Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

KULICK, Don. *Travesti: Sex, Gender and Culture among Brazilian Transgendered Prostitutes*. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.

LUKES, Steven. "Conclusion". In: CARRITHERS, Steven; COLLINS & STEVEN Lukes. *The Category of the Person: Anthropology, Philosophy, History*. Nova York: Cambridge University Press, 1985.

PELÚCIO, Larissa. "Na noite nem todos os gatos são pardos – notas sobre a prostituição travesti". In: *Cadernos Pagu*. Campinas, v. 25, 2005 (pp. 217-248).

PELÚCIO, Larissa. "Toda Quebrada na Plástica – corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas". In: *Campos*. Curitiba, v. 06, n.º 01, 2005 (pp. 97-112).

QUEIROZ, Marcos S. *Representações de Doenças em*

Intervenção de Cura numa Aldeia de Pescadores. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas). Campinas: Unicamp, 1978.

RODRIGUES, Antônio Greco. "Buscando raízes". *In: Horizontes Antropológicos [on line]*. Dez./2001, vol.7, n.º 16 [cited 11 March 2006] (pp.131-144). Available from World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832001000200007&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0104-7183.

SABINO, César. **O Peso da Forma – Cotidiano e Uso de Drogas entre Fisiculturistas.** Tese (Doutorado em Ciências Humanas – Sociologia – Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Mimeo. 2004. Disponível em <<http://sociologia.com.br/divu/colab/d20-csabino.pdf>>.

SILVA, Hélio R. **Travesti – A invenção do Feminino.** Rio de Janeiro: Relume Dumará/ ISER, 1993.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. "A fabricação do corpo na sociedade xinguaná". *In: Boletim do Museu Nacional* (32). Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1979 (pp. 40).

WIJK, Flavio Braune. "When the Búzios Say No!" – The Cultural Construction of Aids and its Social Disruptive Nature: The case of Candomblé (afro-Brazilian) Religion. Thesis submitted in partial fulfillment of the degree cand. Polit. In Social Anthropology at the University of Oslo – Norway, 1998.

Fontes eletrônicas

BENEDETTI, Marco R. **HORMONIZADA. Reflexões sobre o uso de hormônios e tecnologia do gênero entre travestis de Porto Alegre.** Trabalho apresentado no XXII Encontro Anual da Anpocs Caxambu, MG, 27 a 31 de Outubro de 1998. <<http://www.clacso.edu.ar/~libros/anpocs/renato.rtf>>. Consulta em 07/03/2004.

"O SENHOR ME USA TANTO": EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E A CONSTRUÇÃO DO CORPO FEMININO NO PENTECOSTALISMO

Miriam C. M. Rabelo¹
Sueli Ribeiro Mota²

Introdução

Iniciamos este trabalho com a descrição de três cenas registradas em diário de campo, todas referentes a cultos realizados em um templo da Igreja Pentecostal "Deus é Amor", localizado em um dos bairros populares mais populosos de Salvador – o Nordeste de Amaralina. A IPDA pertence à segunda onda ou fase de expansão do pentecostalismo no Brasil, quando foram fundadas as primeiras representantes nacionais deste movimento. Foi criada nos anos 60 e tem maior penetração entre os setores mais pobres da população urbana brasileira. O grupo onde foram feitas as observações abaixo não é exceção a essa regra.

Cena 1:

O salão da Igreja vai aos poucos enchendo; é sábado à noite. O prédio – templo da Igreja Pentecostal Deus é Amor – ainda está em construção, como muitas das casas ao redor – rebocando, batendo laje, ampliando. Fica no final de uma rua estreita à qual se chega a partir de uma das mais movimentadas avenidas do bairro, repleta de lojas, movimento de gente, bares, tabuleiros vendendo frutas e verduras. Uma vez que se sai desta avenida, tem-se uma visão clara da pobreza do entorno: ruelas de barro, esgoto a céu aberto, casas espremidas. As pessoas vão chegando à igreja, trazendo bíblia na mão e vestidas com roupas sóbrias:

¹ Professora Doutora do Departamento de Sociologia, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia (UFBA).

² Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia.